

DISPUTA FORA DAS PISTAS

A cada nova temporada a Fórmula E conquista mais fãs, mesmo sem o adorado ronco dos motores, atrai pilotos experientes e se mostra um laboratório importante para as fabricantes

Por **Renan Batista**

A Fórmula 1 acabou de completar 70 anos e, quando olha pelo retrovisor, já percebe a presença da Fórmula E, que está cada vez mais atraente para os patrocinadores, para a indústria automotiva e também para o público. A categoria de carros elétricos, que surgiu em 2014, conseguiu em menos de uma década criar uma competição emocionante com 12 equipes diferentes e se tornou um importante laboratório para as inovações dos carros híbridos e elétricos que já povoam nosso trânsito.

Ambas as categorias precisaram rever seu calendário e cancelar algumas etapas devido à pandemia do coronavírus, mas no último mês de agosto a F-E já conheceu o campeão da temporada. O português António Félix da Costa venceu três provas consecutivas em seu primeiro ano pela equipe chinesa DS Techeetah. Na Fórmula 1 a disputa, apesar de não estar matematicamente definida, está confirmando toda a superioridade da equipe Mercedes e do britânico Lewis Hamilton que busca o heptacampeonato. Emocionante mesmo, apenas a disputa no pelotão intermediário do grid.

Também por isso, a categoria mais tradicional do automobilismo vê a diminuição de fãs pelo mundo nos últimos anos, inclusive aqui no Brasil, onde as transmissões perderam espaço na grade da programação aberta da Globo que deixou de transmitir, por exemplo, os treinos



“
**PARA
CRESCERMOS
NO BRASIL,
É FUNDAMENTAL TER
MAIS PILOTOS
BRASILEIROS NO GRID E
CORRER NAS RUAS DO PAÍS**

ALBERTO LONGO,
VICE-PRESIDENTE DA FÓRMULA E



de classificação. O fato de não existir nenhum brasileiro no grid desde o final de 2017, quando Felipe Massa deixou a F1, não ajuda na popularidade, principalmente com as novas gerações. Não é uma coincidência o fato de o próprio Massa competir atualmente na Fórmula E, que conta com outros dois pilotos brasileiros: “Decidi correr de F-E porque é um campeonato com menos viagens, mais dinâmico, disputado e muito divertido”, diz Massa.

Para aumentar a popularidade do esporte, a F1 realizou mudanças significativas nas transmissões, que ganharam efeitos gráficos inspirados em jogos de videogame, a criação de um aplicativo para assinantes com ferramentas e informações exclusivas e o lançamento das duas temporadas da série *Drive to Survive* (Netflix) para tentar conquistar novos apaixonados, principalmente nos Estados Unidos. O diretor esportivo Ross Brawn justifica o sucesso da série: “É uma ótima chance de revelar os bastidores das corridas, porque a maioria dos fãs só consegue acompanhar o que ocorre na

FOTOS DIVULGAÇÃO



NAS PISTAS As corridas de Fórmula E são disputadas em circuitos de rua, com 24 carros no grid



OS DETALHES
À esquerda, um carro de F1 da temporada 2020, ao lado, a versão elétrica usada na Fórmula E.

FÓRMULA 1 X FÓRMULA E

AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE AS DUAS CATEGORIAS

- Todas as etapas de F-E são disputadas em circuito de rua, o que também limita a velocidade final da categoria, mas aumenta a emoção e ultrapassagens
- Na F-E os veículos são 100% elétricos, enquanto na F1 são movidos a combustão de gasolina
- Os carros de F-E são mais pesados e maiores; só a bateria pesa mais de 300 kg
- Enquanto a Mercedes de Lewis Hamilton passa com facilidade dos 300 km/h, um carro elétrico chega até 280 km/h
- A Fórmula E usa apenas um dia para realizar todas as competições de uma etapa (treinos e corrida), enquanto a F1 ocupa o final de semana inteiro (sexta, sábado e domingo) com cada evento

pista e agora o público pode ficar por dentro do que acontece nas fábricas e dentro das equipes”. Ele completa dizendo: “Descobrimos que isso chama atenção principalmente de quem não era fã das corridas, e os próprios organizadores já afirmam ser notável o aumento do interesse na F1 pelo público jovem”.

Apesar de ser mais disputada, ter mais montadoras e pilotos no grid, a Fórmula E ainda não é muito popular por aqui. Para Alberto Longo (vice-presidente executivo da categoria), esse cenário deve mudar: “Para crescermos no Brasil, acho que é fundamental ter mais pilotos brasileiros

no grid e também fazer uma corrida nas ruas brasileiras”. Isso quase aconteceu há dois anos e ainda não foi totalmente descartado para a próxima temporada: “Queremos estar no Brasil o quanto antes e estamos em constante negociação com diferentes cidades”, afirma Longo.

2020 marca um ano negativo também para o automobilismo brasileiro, já que será a primeira vez desde 1973 que não haverá GP de F1 por aqui. Só nos resta manter nosso tradicional otimismo e a paixão por velocidade, para ver de perto não só a Fórmula 1, mas, quem sabe, a estreia da Fórmula E no Brasil.

